



Classica - Revista Brasileira de Estudos
Clássicos

ISSN: 0103-4316

revistaclassica@classica.org.br

Sociedade Brasileira de Estudos
Clássicos
Brasil

Bortolanza, João
Sermão I de Santa Catarina: Latim e Retórica
Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, vol. 20, núm. 1, 2007, pp. 104-114
Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos
Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601770885009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

re^{dalyc}.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Sermão I de Santa Catarina: Latim e Retórica

JOÃO BORTOLANZA

Universidade Estadual de Londrina
Brasil

RESUMO. Este artigo mostra um pequeno resultado do projeto de pesquisa ‘Análise do Latim empregado por Vieira em seus Sermões’. O latim é a própria retórica de Vieira e o levantamento das citações latinas permite reconstruir todo seu labor intelectual. É o que me proponho demonstrar no Sermão I de Santa Catarina, que tem como epígrafe e mote apenas a expressão latina *ne forte*. A expressão é extraída da frase das virgens prudentes *ne forte sufficiat nobis et vobis*. Esse “para que não por acaso” passa a ser explorado a partir da etimologia *forte* > *Fortuna*, esta, por sua vez, representada pela roda, a roda da Fortuna, sempre instável. E a roda, com a palma e a espada, é um dos troféus da vitória da virgem mártir Catarina em sua imagem. Desfilam frases dos textos sagrados e de clássicos, como Sêneca, Plínio e Plutarco.

PALAVRAS-CHAVE. Latim e retórica; emprego do latim; sermão; roda da fortuna; Santa Catarina.

O latim é a própria retórica de Vieira. Desde a *inventio*, em que, a partir de uma epígrafe, extraída de norma do Evangelho do dia, procura estabelecer as *res* ou *rationes* de seu discurso, ao mesmo tempo religioso e político, fazendo um ‘inventário de todos os argumentos e procedimentos retóricos disponíveis’¹, não *ex nihilo*, mas calcados em frases e citações latinas que possam permitir uma *dispositio* e uma *elocutio* muito bem dispostas, estruturadas de acordo com as partes do discurso epidíctico a ser pronunciado.

Será possível, portanto, a partir de um levantamento desses excertos latinos, reconstruir todo o labor intelectual de Vieira, não apenas como uma das opções, mas como tarefa essencial para o entendimento a fundo do pensamento e da *argumentatio* de Vieira. É o que me proponho demonstrar nessa análise do Latim empregado por Vieira no Sermão de Santa Catarina²,

Email: jbortolanza@uol.com.br

¹ OLIVIER REBOUL, *Introdução à Retórica*, São Paulo, Martins Fontes, 2000, p. 54.

² Edição consultada: ANTÔNIO VIEIRA, *Obras Completas. Sermões*, 5 v., prefaciados e revistos pelo Rev. Padre Gonçalo Alves, Porto, Lello & Irmãos, 1993. Neste artigo, as citações do primeiro *Sermão de Santa Catarina (Virgem e Mártir)* utilizam a abreviatura ‘S.Cat. VM’ e

que tem como epígrafe e mote apenas a expressão latina **ne forte**, extraída do Evangelho de Mateus, da resposta e justificativa da recusa das Virgens Prudentes às imprudentes que lhe solicitaram óleo para suas ‘alâmpadas’ (7.2), *ne forte non sufficiat nobis, et vobis*, “para que porventura não seja suficiente para nós e para vós” (Mt. 25.9).

Em um primeiro momento, observemos algumas frases-chave, destacando alguns elementos:

- a) **ne forte non sufficiat nobis, et vobis** (Mt. 25.9) – Virgens Prudentes;
- b) *et quattuor **rotae** per bases singulas... omnia fusilia* (Rs. 3.7.30) – Rei Salomão;
- c) *et ecce ipse faciebat opus **super rotam*** (Jr. 18.3) – Roda do oleiro;
- d) *plus reor hominibus **adversam**, quam **prosperam** prodesse **fortunam*** (Boethius, *De Consolatione* II pros. 38) – Fortuna adversa e próspera;
- e) **rota in medio rotae** (Ez. 10.10) – Carro de Ezequiel;
- f) *noli timere, Abraham, ego protector tuus* (Gn. 15.1) ou, no original, *ego **scutum** tuum* – Abraão, após a vitória sobre quatro Reis;
- g) *intueor volumen hoc assiduum **rotae**, in qua **vicissim ima summa, et summa ima fiunt*** – Um dos quatro reis vencidos ‘tirando a carroça’ ao rei do Egito, Sesóstris;
- h) *hujus [Pelignoti] est tabula in porticu Pompei, in qua dubitatur **ascendentem** cum clypeo pinxerit, **an descendantem*** (Plin. HN 35.59) – Escada por que se sobe e desce;
- i) *praecepit nobis Deus, ne comederemus, et ne tangeremus illud, **ne forte** moriamur* (Gn. 3.3) – *ne forte* das néscias (Eva);
- j) *quid prodest homini, **si mundum** universum lucretur, animae vero suae detrimentum patiatur?* (Mt. 15.26) – *ne forte* das Prudentes: fortuna da alma;
- k) Jônatas: *veni, transeamus ad stationem incircumcisorum horum, **si forte** faciat Dominus pro nobis* (Rs. 1.14.6) – *si forte* dos sábios (Jônatas);
- l) *da mihi montem istum in quo Enacim [Gigantes] sunt; **si forte** sit Dominus mecum, et potuero delere eos* (Js. 14.12) – *si forte* dos sábios (Caleb);
- m) ***fortuna**... postquam transmisso Tiberi ad Palatium appropinquavit, alas deposuit, talaria exuit, ac infideli et volatili globo misso, Romam intravit **mansura*** (citação de Plutarco, *De fort. Rom.* 317f-318a) – Fortuna de Roma e seu cantado Império;

a divisão do texto em seções e parágrafos.

- n) *imperium sine fine dedi* (Verg. *Aen.* 1.278);
 o) *studete potius gloriam vestram referre ad illum, a quo est, si non vultis eam perdere, aut certe perdi ab ea* (Bernardus Clar. *Epist.* 107) – Fortuna nas mãos de Deus.

O que se destaca são já as pistas da construção temática e argumentativa do Sermão de Santa Catarina, impondo-se, ao primeiro relance, as epímones em torno de roda e fortuna, jogando com a instabilidade de ambas no que se refere a virgens prudentes e imprudentes e a impérios e vitórias. De um lado, é dia de Santa Catarina, a santa representada com uma palma, uma espada e uma roda; de outro, Portugal acabara de vir de uma vitória sobre Castela. Discurso claramente epidíctico, de caráter argumentativo e comprobatório, ao mesmo tempo panegírico, porquanto homenagem festiva à Santa vencedora, que mereceu a palma do Martírio, após ter triunfado sobre seu tirano imperador Maximino, e parenético, enquanto uma exortação aos vitoriosos de agora, que mais cuidadosos deveriam estar de sua vitória do que o foram de sua batalha.

Vejamos como se tece esse gênero epidíctico panegírico e parenético, que assim se abre (*S.Cat. VM 1.1*):

Breve cláusula para tema; porém grande para sermão! É tão grande e tão forte a significação desse *ne forte*, que com ela se sustentam e são fortes todas as fortalezas: e as que não são fortes, nem se defendem, só por falta dela são fracas, só por falta dela se rendem e são vencidas.

Breve cláusula que já se amplia a exigir que o público aceite acompanhar o raciocínio e participar desse desafio: como um simples *ne forte* pode ser tão amplo e tão fundamental para a segurança de todos, a ponto de ligar força e fortuna?

Após o estranhamento inicial, o *exordium* magistral deixemo-lo novamente a Vieira (*S.Cat. VM 1.1*):

E que quer dizer *ne forte*? Quer dizer: para que não por algum acaso; para que não por alguma desgraça; para que não por algum engano; para que não por alguma violência; para que não por algum descuido próprio, ou diligência e indústria alheia. É o *ne forte* um advérbio, sempre vigilante mas indeciso: é uma suspensão do que é: é uma dúvida do que será: é um cuidado solícito do que pode ser. É um receio temeroso do futuro, não esquecido do passado, nem divertido do presente; e neste círculo de todos os tempos acautelado para todos. Deriva-se a palavra *ne forte* daquela que o mundo chama Fortuna, e é uma força tão poderosa e tão forte, que desarma a mesma fortuna de todos os seus poderes; (...).

Ele explora ao máximo a etimologia, associando o advérbio *forte* e o adjetivo *fortis* no substantivo *Fortuna*, aproveitando-se do emprego combinado de *forte* com a negativa final *ne* “para que não, por acaso ou por fortuna”, que permite pôr dúvidas à força e dar forças à dúvida da prudência. E, logo a seguir, acrescenta o outro aspecto do tema (*S.Cat. VM 1.2*):

De prudentes e néscias se compõe toda a história do nosso Evangelho, gloriosa para umas, e trágica para outras. As prudentes foram as venturosas, porque disseram: *ne forte*: as néscias, as sem ventura, porque o não souberam dizer.

E, dentre as virgens, a ‘fortíssima e prudentíssima Catarina’ (*S.Cat. VM 1.3*), que soube, com as cinco prudentes, dizer o seu *ne forte non sufficiat nobis, et vobis* (*Mt. 25.9*), ao desprezar “a coroa da Terra” que o imperador Maximino lhe oferecera, por “sujeita à roda da Fortuna” (*S.Cat. VM 1.3*).

A *narratio* contempla a efigie da Santa, com os três troféus: uma palma, uma espada e uma roda. Do triplo troféu, deixará de falar das palmas, que, com suas raízes na terra, haverão de secar, com exceção apenas das palmas nas mãos dos vitoriosos do Apocalipse, *et palmae in manibus eorum* (*Ap. 7.9*); não haverá de falar da espada, que mesmo a trazida do céu por Jeremias, ‘não defendeu o grande Macabeu’ (*S.Cat. VM 2.1*), sendo morto por essa sua própria espada, *gladius meus non salvabit me* (*Sl. 53.7*); falará sim da roda, para que vejam que palmas e espadas vitoriosas devem temer ‘os desenganos a todo vencedor’ (*S.Cat. VM 2.1*), devem ter sempre ante os olhos a roda da Fortuna e pronunciar o seu *ne forte*.

A *narratio*, em sua estrutura bipartite, volta em seguida os olhos para a imagem clássica e mitológica da deusa *Fortuna*, ‘a deusa que traz (de *ferre*)’, segundo o Dicionário Oxford de Literatura Clássica³. Segundo Vieira (*S.Cat. VM 3.1*), ‘figura de mulher’; ‘mundo’ ou ‘cornucópia’ ou ‘leme’ nas mãos; ‘de ouro’ ou ‘de vidro’; ‘cega’; ‘asas nos pés’ e ‘pés sobre uma roda’. Se erraram em atribuir-lhe o papel de Providência Divina e em considerá-la cega, ‘acertaram’ — diz Vieira — ‘os gentios na figura que lhe deram de mulher, pela inconstância; nas asas nos pés, pela velocidade com que se muda; e sobretudo em lhos porem sobre uma roda; porque nem no próspero, nem no adverso, e muito menos no próspero, teve jamais firmeza’.

Fortuna e roda passam a ser a epímone do *ne forte* e mais citações latinas, mais *exempla*, para a *amplificatio* característica dos epidícticos: um tema só com suas várias *res* ou *rationes*. Primeiramente, quanto à matéria

³ PAUL HARVEY, *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina*, trad. Mário da Gama Kury, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, s.u. *Fortuna*.

que comporia a Fortuna: ‘dos que a fizeram de ouro, diremos depois: o que agora somente me parece dizer, é que os que a fingiram de vidro pela fragilidade, fingiram e encareceram pouco’ (*S.Cat. VM 3.1*). Note-se a preocupação com o *etos*, para ganhar a confiança do auditório, ao mesmo tempo em que brinca com a polissemia de fingir / moldar / mentir, empregando a figura da antanáclase ‘explorando o uso da mesma palavra com vários sentidos’⁴. Provoca o estranhamento, procurando envolver o público na *argumentatio* e conclui: ‘porque ainda que a formassem de bronze, nunca lhe podiam segurar a inconstância da roda’ (*S.Cat. VM 3.1*). E imediatamente entra com o *exemplum* do sábio por antonomásia, o rei Salomão.

Eis como ele lança os fundamentos do grande Templo: *fecit decem bases aeneas, quattuor cubitorum longitudinis bases singulas, et quattuor cubitorum latitudinis* (*Rs. 3.7. 27*). Nada mais lógico que bases sólidas, quadradas, todas de bronze. Mas — aí novo estranhamento — *et quattuor rotae per bases singulas*, “e quatro rodas para cada uma das bases” e *tales autem rotae erant, quales solent in curru fieri; et axes earum, et radii, et canthi, et modioli, omnia fusilia* (*Rs. 3.7.30*). Se nem o mais sábio arquiteto tal ousara, eis que o mais sábio assim assenta o Templo do Deus Altíssimo (*S.Cat. VM 3.2*):

Aquela obra era o chamado mar Êneo, fabricado antes de espelhos, e para espelho dos que nele se fossem ver e compor (...) Quis pois o mais sábio de todos os homens, que na mesma traça, disposição, e ordem da fábrica, vissem e reconhecessem todos, que não há, nem pode haver neste mundo cousa alguma tão sólida, tão forte, tão firme, nem ainda tão santa (qual aquela era), que, como se estivesse fundada sobre rodas, não esteja sempre sujeita às voltas, declinações e mudanças de qualquer impulso, impressão, ou movimento contrário. Tudo o que se diz da Fortuna, e seus poderes, é fingido e falso; só uma cousa há nela certa e verdadeira, que é a roda.

A força da antanáclase do espelho — ‘fabricado antes dos espelhos, e para espelho dos que nele se fossem ver e compor’ (*S.Cat. VM 3.2*) — num contexto em que se busca opor fragilidade do vidro com firmeza do bronze, empresta da Sabedoria do Rei Bíblico argumentos à inconstante falsidade e fragilidade da Fortuna.

Falta, porém, um outro elo. No campo da matéria da Fortuna, há que trazer para o dia-a-dia dos ouvintes a matéria de que o homem se compõe, o barro, e a matéria de que se compõe a *fortuna* dos fatos presentes, a vitória de Portugal sobre Castela. Sem esquecer de trazer a *auctoritas* da Revelação, apresenta-nos Jeremias a cumprir o *mandatum Dei*, contemplando o oleiro

⁴ DANTE TRINGALI, *Introdução à Retórica*, São Paulo, Duas Cidades, 1988, p. 141.

com sua roda. *Et ecce ipse faciebat opus super rotam* (Jr. 18. 3). Este faz e desfaz vasos com seu barro, assim como Deus fará com seu povo, se ‘se lhe descompusesse e desmanchasse em suas mãos’ (*S.Cat. VM 3.3*). E antes de concluir o *exemplum*, vale-se do testemunho do senador romano Boécio (*De Consol. II* pros. 38), *plus reor hominibus adversam, quam prosperam prodesset fortunam*, que é “de se temer mais da fortuna próspera que da adversa”, posto que aquela mente e esta instrui: *illa enim semper specie felicitatis, cum videtur blanda, mentitur: haec semper vera est, cum se instabilem mutatione demonstrat. Illa fallit, haec instruit*.

Deus é que decide da Fortuna do mundo com sua roda: ‘Nela, e do mesmo barro faz Deus reinos, e desfaz reinos; desfaz Jerusaléns, e acrescenta Babilônias’ (*S.Cat. VM 3.3*). Começa a parênese: assim como Jeremias profetizou dos 70 anos de cativo, por causa da responsabilidade dessa matéria-barro que eram os judeus, assim a fortuna dos homens e dos portugueses pertence a Deus. Portugal também teve seus 60 anos de cativo e acaba de se libertar.

Reforça a argumentação com o carro de Ezequiel, o carro de Deus no Governo do Mundo, com sua dúplice roda *Rota in medio rotae* (Ez. 10.10), a roda da fortuna e a roda do tempo ‘de tal maneira unidas e travadas entre si, e tão independentes uma do curso da outra, que para a roda da fortuna dar uma volta inteira, não é necessário que a dê também inteira o tempo’ (*S.Cat. VM 4.1*) — sem dúvida, tem-se aqui uma das mais belas alegorias da Fortuna.

Assim, numa só noite acaba o grande Império dos Assírios e Caldeus, passando aos Medos e Persas com a morte de Baltasar e sua substituição por Dario: *eadem nocte interfectus est Balthasar rex Chaldaeus, et Darius Medus successit in regnum* (Dn. 5.30-1). Assim, a antiga *Lugdunum* ‘anoi-tecendo cidade, amanheceu cinzas’, como conta Sêneca numa epístola (*Ep. 14.91.2*), e o longo e maravilhoso excerto de Sêneca acompanhe-se da não menos admirável tradução de Vieira (*S.Cat. VM 4.4*):

Tot pulcherrima opera, quae singula illustrare urbes singulas possent, UNA NOX STRAXIT. Et in tanta pace, quantum ne bello quidem timeri potest, accidit. Quis credat? Lugdunum, quod ostendebatur in Gallia, quaeritur. Omnibus fortuna, quos publice afflxit, quod passuri erant, timere permisit. Nulla res magna non aliquot habuit ruinae suae spatium. In hac una nox interfuit inter urbem maximam, et nullam. Denique diutius illam periisse, quam periit, narro.

Aqueles famosos edifícios, que cada um deles pudera enobrecer e ilustrar uma cidade, todos igualou com a terra uma noite; e aconteceu na bela paz, o que nem da mais furiosa guerra se pudera temer. Quem tal crera? Aquela Lugduno, que se mostrava por maravilha da Gália, busca-

se nela, e não se acha. A todos os que a fortuna afligiu publicamente, permitiu que temessem o que haviam de padecer, e a nenhuma cousa grande deixou de dar o tempo algum espaço à sua própria ruína. Só nesta entre a cidade máxima e o nada, não houve mais que uma noite. Ainda acabou mais depressa do que eu o escrevo.

Por isso, mais há que se temer as vitórias — *fortuna prospera* — do que as derrotas — *fortuna adversa*. Assim o patriarca Abraão, que viera de uma vitória miraculosa, vencendo com apenas 318 homens nada menos do que quatro reis, em vez de comemorar, volta-se apreensivo para o seu Deus. Este o consola, pede-lhe — a ele, vencedor! — para nada temer, *noli timere, Abraham, ego protector tuus* (Gn. 15.1). “ou como se lê no original: *Ego scutum tuum*”, acrescenta Vieira (*S.Cat. VM* 5.2).

A própria história nos ensina. Eis a resposta de um dos quatro reis vencidos “tirando a carroça” ao rei do Egito Sesóstris (*S.Cat. VM* 5.4): *‘intueor volumen hoc assiduum rotae, in qua vicissim ima summa, et summa ima fiunt*: levo sempre postos os olhos nesta roda; porque vejo nela, que assim como esta parte que agora está em baixo, esteve já em cima; assim a que está em cima, com meia volta só torna a estar em baixo’. Mais uma alegoria da Fortuna: *vicissim ima summa et summa ima fiunt*.

Vieira menciona que Agamêmnon, na tragédia homônima de Sêneca, contempla Tróia (*S.Cat. VM* 5.5): *stat avidus ira victor, et lentum Ilium metitur oculis*, “ei-lo em pé, vitorioso e ávido em sua ira, a medir com seus olhos a agora calma Tróia”, e diz: *victamque quamvis videat, haud credit sibi potuisse vinci*, “vendo-a embora vencida, não a pode crer por ele próprio vencida”, e acrescenta *tu me superbum, Priame, tu timidum facis*. Essa grandeza conquistada, esse herói descomunal vencido, estavam ao mesmo tempo deixando-o orgulhoso e tornando-o temeroso. Posto que a Fortuna é como uma roda ou como a escada de “Pelignoto” no Pórtico de Pompeu (*S.Cat. VM* 5.5): *hujus [Pelignoti] est tabula in porticu Pompei, in qua dubitatur ascendentem cum clypeo pinxerit, an descendentem*, em que não se pode dizer se o pintou subindo ou descendo, como se lê em Plínio (*HN* 35.58)⁵. E pontifica persuasivo Vieira: ‘toda escada, Senhores meus, ainda que em diferente figura, é também roda: porque pelos mesmos degraus se pode subir ou descer’ (*S.Cat. VM* 5.6). E exorta, chocando pela aparente contradição (*S.Cat. VM* 5.1): ‘não é minha tenção com este discurso querer que a muito nobre cidade de Lisboa entristeça sua alegria (...) O que só desejo é que toda esta monarquia de Portugal se não deixe inchar do vento da fortuna, que se

⁵ Em Plínio (*HN* 35.58), no entanto, lê-se *Polygnotus* ao invés de “Pelignoti”, como transcreve Vieira.

fie dela, e a creia. Ouvi debaixo de um paradoxo o mais sisudo juízo da prudência militar (...) não há cousa mais para temer que a própria vitória.’

Em 6.1, Vieira deixa claro que até aqui foi um ‘primeiro discurso’ que versou sim sobre o tema, sobre as Virgens Prudentes do Evangelho e sobre a Fortuna, relacionando-a ao tempo presente. E abre um segundo, olhos voltados para a ‘virgem prudentíssima que nos deu a roda’ e para os exemplos das suas vitórias, porque soube dizer o seu *ne forte*. E o novo discurso volta-se aos grandes feitos da Santa, num jogo magistral com as expressões *ne forte*, *si forte* e *nisi forte*, todas elas extraídas de *exempla*, mostrando-a, porém, como a merecedora por excelência do panegírico deste dia festivo.

Ele vai ao Gênesis e apresenta o contra-exemplo da primeira mulher, que, advertida por Deus *in quocumque die comederis ex eo, morte morieris* (2.17), “no dia em que comeres desse fruto, morrerás”, diz à Serpente o que Deus ordenara: *praecepit nobis Deus, ne comederemus, et ne tangeremus illud, ne forte moriamur*. ‘O *ne forte* da néscia pôs dúvida, onde não podia haver dúvida: o *ne forte* das prudentes não admitiu dúvidas, onde podia haver muitas’ (*S.Cat. VM* 6.2). E chama o próprio Cristo, o Esposo que está para chegar (*ecce Sponsus venit, Mt. 25.6*), com a inapelável sentença *quid prodest homini, si mundum universum lucretur, animae vero suae detrimentum patiatur?*, “o que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma?” (*Mt. 15.26*). E, não menos inapelável, Vieira interpreta (*S.Cat. VM* 6.4): ‘em matéria de salvação, não se há-de admitir dúvida, nem contingência, por menor ou mínima que seja’. Muito claro o dilema entre o *ne forte non sufficiat nobis, et vobis* das Virgens Prudentes e o *ne forte moriamur* da Eva imprudente.

Catarina, já vencedora, já *Sponsa* que saiu ao encontro do Esposo, preferindo o martírio a ceder ao Imperador, contrapondo o *ne forte* da Salvação eterna ao esplendor da *Fortuna* prometida, agora pode partir para o *si forte* de Jônatas e o *nisi forte* de Ester. E aqui Vieira, insubstituível (*S.Cat. VM* 7.3):

Si forte, disse com novidade inaudita em lugar de *ne forte*, e é bem que reparemos muito na diferença destes dous advérbios; porque em tão pequena mudança de letras têm a significação totalmente contrária. O *ne forte*, significa, *para que não*, como já vimos; o *si forte*, quer dizer, *se porventura*: o *ne forte*, é advérbio seguro e frio; o *si forte*, animoso e ardente; o *ne forte*, fecha as portas ao temor; o *si forte*, abre-as à esperança; o *ne forte*, é freio para a cautela; o *si forte*, é espora para a ousadia; o *ne forte*, diz: não te arrisques; o *si forte*, diz: aventura-te: finalmente, o *ne forte* tem por efeito evitar o mal, que suspeita; e o *si forte*, tem por objeto empreender e conseguir o bem, a que aspira. Mas este bem não há-de ser qualquer bem ordinário e vulgar, senão grande, senão árduo, senão heróico, e que tenha mais graus de dificultoso, que de possível.

Se para o *ne forte* já fez longo epidíctico, para o *si forte* propõe dois *exempla* famosos, “e tão medonhos, como atrevidos” (*S.Cat. VM* 7.3), de Jônatas e Caleb. Jônatas apóia-se em Deus para passar às plagas dos incircuncisos, *veni, transeamus ad stationem incircumcisorum horum, si forte faciat Dominus pro nobis*, “se porventura o fizer o Senhor por nós” (*Rs.* 1.14.6). E Caleb pede a Josué o monte Enacim, ou seja, dos Gigantes, pronunciando o seu *si forte*: *da mihi montem istum, in quo Enacim (idest Gigantes) sunt, et urbes magnae, atque munitae*, “dá-me este monte dos Gigantes, de grandes cidades bem munidas”, *si forte sit Dominus mecum, et potuero delere eos* (*Js.* 14.12), “se porventura Deus estiver comigo, também terei poder de debelá-los.”

Catarina está diante duma implacável ordem imperial: oferecer sacrifícios ao favorecido dos deuses, Maximino, ou expor-se aos tormentos e à morte. O dilema apresenta-se a ela, não quanto à sua morte natural, mas entre a morte natural dela e a morte eterna alheia. Nas palavras de Vieira (*S.Cat. VM* 7.4): ‘A morte é certa, a salvação duvidosa; mas a morte é minha, a salvação é dos próximos: aventure-se pois Catarina a conseguir a salvação alheia, e perca embora de contado a vida própria.’ Eis um caso que só tem parecença com o de Ester, quando do edito de Assuero que ordenava o extermínio dos Judeus (*Est.* 4.11), *quod sive vir, sive mulier, non vocatus, interius atrium regis intraverit, absque ulla cunctatione interficiatur*, “que se homem ou mulher não chamado entrasse no átrio régio, sem demora alguma fosse morto”, com apenas um ‘senão’ esperançoso, *nisi forte rex auream virgam ad eum tetenderit pro signo clementiae*, “a não ser que o próprio rei estenda-lhe em sinal de clemência seu cetro de ouro”. De fato, Ester tinha uma condicional, um *nisi forte* como possível, que de fato se concretizou. Já Catarina tinha apenas o *si forte* sem o *nisi forte*, ‘a morte certa e sem dúvida os tormentos esquisitos e iguais à sevícia e crueldade do tirano; e a tudo isso se ofereceu uma donzela (...) armada da sua eloquência, e acompanhada só de si mesma’ (*S.Cat. VM* 7.5). Eis que ousa expor a doutrina da fé verdadeira e atreve-se a condenar ‘o sacrilégio dos sacrifícios, a falsidade dos deuses com nome de imortais, sendo paus e pedras’ (*S.Cat. VM* 8.1). *Similes illis fiant, qui faciunt ea*, “que iguais a eles se tornem os que os fazem” (*Sl.* 113.8), como diz o salmista. Mas, assevera categórico Vieira, como ‘não há cabeças mais duras de penetrar e converter, que as coroadas’, Maximino, se não se convenceu, aceitou um desafio proposto, ‘se o não fez católico da nossa fé, fê-lo herege da sua (...) porque o que se põe em questão e disputa, igualmente se põe em dúvida; e quem duvida da sua fé, qualquer que seja, já é herege dela’ (*S.Cat. VM* 8.2). Chama o Imperador os cinquenta sábios para debaterem com Catarina. E, porquanto Catarina acabou por convencê-los da Verdade de sua Fé, todos eles acabam condenados à morte, ‘os filósofos à espada, Catarina à fome’ (*S.Cat. VM* 9.1).

No calabouço, solitária e priva de alimentação, Catarina não desiste de seu *si forte*, quando a própria mulher do Imperador secretamente vai até a masmorra. Como Pedro *cum esuriret*, viu descer aves do céu e virem ao seu encontro abundantemente animais da terra, e ouviu a voz do Céu a comandar-lhe: *surge, Petre, occide et manduca*, “levanta-te, mata e come” (At. 10.13). Assim, a faminta Catarina, como disseram os amigos a Jó (Jó 31.31), *quis det de carnibus ejus ut saturemur?*, transforma a visitante: ‘a imperatriz por fê transubstanciada em Catarina, e Catarina por doutrina transubstanciada na imperatriz’ (*S.Cat. VM 9.4*). Mais uma mártir, salva pela insaciável mártir da fome. Sentenciada a esposa, Maximino põe-lhe, a Catarina, duzentos soldados para guardar-lhe a masmorra.

Não se intimida Catarina e converte esses mesmos soldados de que se diz proverbialmente *nulla fides pietasque viris, qui castra sequuntur*, “que não há fê e piedade nos homens que servem aos quartéis” (*S.Cat. VM 9.4*); esses mesmos que *illudebant autem ei et milites*, “escarneciam eles do próprio Cristo” (Lc. 23.36) e *milites ergo cum crucifixissent eum*, “O crucificaram” (Jo. 19.23). Pois se ‘em Jerusalém O crucificaram, em Constantinopla O adoraram’ (*S.Cat. VM 9.4*) e também receberam a coroa de Mártires no mesmo dia.

O final não poderia ser outro: o martírio de Catarina, que rivalizou com as sevícias de Nero e Diocleciano. Uma roda especial foi mandada fazer por Maximino, ‘armada por toda a circunferência de dentes ou pontas de ferro agudas, em forma de navalhas’, para que se movesse por sobre o corpo dela em idas e vindas, que ‘feririam as feridas’ (*S.Cat. VM 10.1*).

Duplo triunfo, para Catarina e para o sumo Imperador dos Romanos. Dupla roda: a roda de Catarina, a coroá-lhe o martírio, e a roda da Fortuna de Roma, assim apresentada por Plutarco (*De fort. Rom.* 317f-318a, tradução de Vieira, *S.Cat. VM 10.5*):

Fortuna Persis et Assyriis desertis, cum leviter pervolasset Macedoniam et celeriter abjecisset Alexandriam, Aegyptiosque, deinde et Syriam peragrando regna extulisset et saepe conversa Carthaginenses tulisset postquam transmissio Tiberi ad Palatium appropinquavit, alas deposuit, talaria exuit, ac infideli et volatili globo misso, Romam intravit mansura.

A Fortuna, depois de deixar os Persas e Assírios, depois de voar levemente pela Macedônia, e rejeitar Alexandre, e os que no Egito lhe sucederam, depois de andar pela Síria levantando e desfazendo reinos, e se deter, já próspera, já adversa, com os Cartagineses, passando finalmente o Tibre, chegou ao Capitólio romano e ali arrancou dos ombros as asas maiores, e descalçou dos pés as menores, ali se despojou e desarmou do globo,

ou roda variável e inconstante, e ali, isto é, em Roma, fez o seu perpétuo assento, para nela perseverar, e morar sempre firme, e sem mudança.

Roma, cantada por Virgílio em sua *Eneida* (1.278) tem sua Fortuna sem limites de tempo e espaço, seu Império não terá fim: *his ego nec metas rerum, nec tempora pono / Imperium sine fine dedi*.

Mas, eis que nesse mesmo ano, o Império Romano se divide, e a divisão será o começo de seu fim. Eis que a roda implacável da Fortuna voltou-se contra Roma e ‘quebrados para sempre os ferrolhos das portas de Jano, acabaram-se os capitólios (...) acabaram-se enfim os mesmos imperadores, e só vivem e reinam, ao revés da roda da Fortuna, os que eles quiseram acabar’ (*S.Cat. VM 10.8*).

E a *peroratio* não poderia ser outra, senão a parênese: rendamos *Gratiam pro gratia* à Fortuna que é Graça, bênção do Alto, essa que nos deu a gloriosa Catarina por modelo, que nos deixa a sua Roda por troféu e apelo do *si forte* de Virgem Prudentíssima. Imitando o prudentíssimo *si forte* da Santa da Roda, busquemos nós também a *Fortuna Prospera*, dizendo com São Bernardo (*Epist. 107; S.Cat. VM 10.8*): *studete potius gloriam vestram referre ad illum, a quo est, si non vultis eam perdere, aut certe perdi ab ea*, “ponde vosso empenho antes em atribuir a vossa glória a Ele, a quem só pertence, se não quiserdes perdê-la como também com toda certeza serdes perdidos por ela.”

Breve cláusula para tão extenso e belo sermão: *si forte*. Eis como se amplifica, como se faz Retórica Clássica. Tão latina, tramada e urdida de excertos seletos do Latim, e tão definitivamente modelar para a prosa portuguesa.

TITLE. *Sermon I on Saint Catherine: Latin and rhetoric*

ABSTRACT. This paper presents a small part of the results accomplished with the research project entitled “Analysis of Latin used by Vieira in his Sermons”. Latin language is the proper rhetoric of Vieira and the survey of Latin quotations allows a reconstruction of his intellectual work. This is what I intend to demonstrate with the Sermon I on Saint Catherine, which only has as epigraph and theme the Latin expression *ne forte*. This expression was extracted from the phrase of the prudent virgins *ne forte sufficiat nobis et vobis*. The excerpt “not by chance” starts to be examined from the etymology *forte* > *Fortuna*, this last one represented by the wheel, the wheel of *Fortuna*, always unstable. And the wheel, as the palm and the sword, is one of the trophies of the victory of the virgin-martyr Catherine. Selected quotations from classical authors like Seneca, Pliny and Plutarch were used.

KEYWORDS. Latin and rhetoric; Latin usage; sermon; wheel of life; Saint Catherine.